

8

S E R M A M

D A

DOMINGA SEXTA

D A Q U A R E S M A

A S M A G E S T A D E S R E A E S

em a sua Real Capella.

Pello P. M. Fr. CHRISTOVAM D'ALMEIDA,
Calificador do S. Officio, Lente de Prima de
Theologia no Collegio de S. Agostinho
da Cidade de Lisboa, & Bispo
de Martyria.



E M C O I M B R A .

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de MANOEL RODRIGES D'ALMEIDA,
M. DC. LXXX.

Acusã de Ioaõ Antunes mercador de Livros.

S E R M A M

D A

D O M I N G A S E X T A

D A Q U A R T A

N O S M A G E S T A D E S R E Y E S

en su Real Capilla

Pedro M. T. CRISTOVAN D'ALMEIDA

Capellán de S. Officio I en su Real Capilla de

Teología en el Colegio de S. Agustín

de la Ciudad de Lisboa, & B.ijo

de M. A. S.



R E M O L I M B R A

Compañía de la Real Capilla

N. Oficina de MANOEL RODRIGES D'ALMEIDA

M. DC. LXX

Impreso en la Real Capilla de Lisboa



Quis ex vobis arguet me de peccato? Si veritatem dico vobis quare non creditis mihi.

Joann. 8.



Ada sabe temer a Innocencia (muito altos, & muito poderosos Reys, & Senhores nossos) Nada sabe temer a Innocencia: de tudo se receia o delito. He taõ animoso hũ justo, ainda entre os maiores perigos, como he cobarde hum culpado entre as seguranças maiores.

Que descansado dormia S. Pedro em o carcere prezo com cadeas, rodeado de soldados, & condenado a morte. *Et erat dormiens inter duos milites vinculus catenis duabus.* Ahor. e. 12. E q̄ inquieto descansava Nabuco em seu palacio assistido de guardas, & lisongeadado de grandes em o auge de reinar: *Cogitationes meae in statu meo, & visiones capitis mei conturbaverunt me.* Dan. c. 4. Parece na verdade, que se trocarã as sortes, q̄ vèla temeroso, o q̄ avia de dormir descansado, & que dorme descansado o que avia de velar temeroso. Porque quem podia temer menos que hum Rey assistido de guardas, que lhe defendiaõ a vida, & quem podia temer mais que hum homem rodeado de soldados que lhe asseguravaõ a morte? Mas eu ja vejo a razã Naõ temia Pedro entre os riscos, porque era innocente; temia Nabuco entre as seguranças, porque era culpado: he taõ cobarde o delito, como animoso a Innocencia, por isso naõ descansava Nabuco inquieto entre os regalos do Paço, por isso dorme Pedro seguro entre os horrores do carcere: *Et erat dormiens inter duos milites vinculus catenis duabus.*

Et supposta esta verdade taõ certa, supposto que he o temor consequencia do delito, & a confiança argumento da Innocencia: se o odio naõ tivera aos Iudeos taõ obstinados, se a

enveja os não trouxera tão cegos, bem virão elles nesta acção que Christo hoje faz como era sua vida justificada, & sua doutrina verdadeira. Tratavaõ os Principes de Ierusalem, & os grandes de Iudea de dar a Christo a morte porq̃ lhe prègava defenganos, & porque lhe dizia as verdades: Se as dizia na Corte, claro está, que este fim avia de ter a sua prègação, & esta correspondencia seu zelo: Soube Christo estes intentos dos Iudeos, & quando parece que lhe avia de fugir, esteve tão longe de o fazer, que antes os foi buscar para se justificar a si, & para os reprehender a elles. *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Eis ahi a justificação de Christo: *Si veritatem dico vobis quare non creditis mihi;* Eis ahi a reprehensão dos Iudeos; justificouse o Senhor, primeiro que os reprehendesse; O que grande exemplo deixou Christo ao mundo nesta acção! Mas não sei se foi esta doutrina bem recebida, porque a não vejo muy praticada, antes muito ao contrario; Justificouse a Innocencia para arguir a maldade, & no mundo sem se justificar a maldade quer arguir a Innocencia; O que injusta condição dos homens! Que escandalosa sem razão da natureza!

Não ha duvida logo, que suposto os intentos dos Iudeos, que era para temida a occasião, & para receado o perigo; mas se não sabe ter temor hum innocente, como avia de temer aquelle Senhor que era a mesma santidade, que era a mesma Innocencia? Bem digo eu logo que se o odio não tivera tão cegos aos Iudeos que nesta acção de Christo os ir buscar a elles para os reprehender, quando elles buscavaõ a Christo para o matar virão sua innocencia claramente, porque argumento era muy eficaz, prova era muy verdadeira, de que não lhe devia nada quem os temia tão pouco, & que estava muy innocente quem não sabia temer amiaçado. Mas como a inveja cega os olhos da razão, como o odio arrasta as evidencias do discurso, que muito que não bastasse esta acção para converter, & confundir aos Iudeos, se elles envejavaõ, & aborrecião a Christo. O Evangelho deste dia chama se o da Paixão, não só porque he lastimoso, senão tambem porque he cõprido

5
prido, & assi que se eu quizera explicar todas as suas circum-
stancias: não me ficará lugar para os discursos; entremos logo
com elles, que ainda que a mim me faltou o tempo, não me
faltarà a materia, na justificação de Christo para com os Ju-
deos, & na incredulidade dos judeos para com Christo.

Quis ex vobis arguet me de peccato:

Todos os expositores deste Evangelho se admirão mul-
to de que Christo sendo Deos se justifique hoje com
os homens sendo a mesma Innocencia, se exponha ao exa-
me da maior maldade: Isto he o de que hoje se admirão to-
dos, mas se eu hei de dizer o que sinto, a mi não me admira
nesta justificação mais que somente huma circumstancia.
Que Christo se justifique hoje com os cortezaos de Ierusalem
muito embora, que razão de estado he mui antiga em Deos
o tratar de parecer bem aos olhos dos homens, quando os ho-
mens tem por razão de estado o não parecer bẽ aos olhos de
Deos Mas que justifique Christo de maneira que se justifica,
isso sò he o que me espanta Pergunta Christo aos judeos se
averá algum delles que o possa accusar de culpa, que o possa
arguir de peccado? *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Gran-
de materia pera espanto! singular motivo para admiração!
Difficulto desta maneira, Estes mesmos homens a quem Chri-
sto faz esta pergunta, não o têm (ainda que falsamente) ar-
guido de tantos peccados? Não tem dito do Senhor, que se
faz Rei sem o ser, que perturba toda Judea introduzindo no-
vas doutrinas, que lança demonios fora em virtude do de-
monio, que não observa os sabbados, que quebranta las leis,
que altera os costumes, & que quer valer com hypocrisia?
Assi o tem dito não sò por huma vez, senão por muitas.

Isto tudo, ainda que não sejam culpas verdadeiras (que em
Christo era impossivel) não são culpas arguidas? Quem o
poderá negar? pois se isto assi he, como pergunta Christo à
quelles mesmos que o têm arguido de tantas culpas, se averá

alguém delles que o argua de peccado? O que singular fizeza do amor de Christo! Ali se ha Christo, ou alli o faz: aver seu amor no conhecimento de nossas culpas, como se não tivera dellas nenhum conhecimento. Bem sabia Christo, que avia em Jerusaleem queixosos, que condenavam sua vida, calunniavam suas obras, & que o arguião de culpas, mas como quer que o arguirem os homens de culpas a Christo era huma culpa dos homens, ha de tal sorte o Senhor, que como se nem ainda sospetara os peccados de quem o arguião, pergunta hoje se ha algum que o argua de peccado. *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Esta he a propriedade do amor em cõtra-pozição da propriedade do odio, que assi como o odio na acção que pôde desacreditar nos faz da sospeita sciencia, assi o amor na acção que pôde desluzir nos da sciencia, não acerta a fazer sospeita.

Ioann. c. 18

Quando a Christo o vieraõ a prender seus inimigos, diz o Evangelista S. Ioaõ, que sabendo o Senhor muy bem tudo o q' lhe avia de succeder, lhe faira ao encontro, & lhe perguntara a quẽ buscavaõ: *Sciens omnia que ventura erant super eum pro-cessit, & dixit? Quem queritis?* Parece na verdade, q' se implica no modo de fallar o Evangelista: porq' se Christo sabia muy bem q' os Iudeos o buscavaõ: *Sciens omnia que ventura erant super eum.* Como diz S. Ioaõ que o perguntou? *Quem queritis?* E se o perguntou como o sabia? como se pôde concordar esta pergunta com aquella sciencia, se a sciencia se destroe pella pergunta? quem pergunta dà indicio de não saber, que quem sabe não tem necessidade de perguntar: Pois se Christo tem tão inteira sciencia dos intentos dos Iudeos, para que lhe pergunta a quem buscãõ, & se lhe pergunta a quem buscãõ, como tem sciencia de seus intentos: *Sciens omnia que ventura erant super eum.* He entre expositores singular a difficuldade, mas suposto o que temos dito, parece-me a mim que desta vez avemos de dar a razãõ: Verdade he, que sabia muy bem Christo: que os Iudeos o buscavaõ para o prender, mas como o buscãõ a Christo para o prender era hũa culpa dos

Iudeos, assi se ha o Senhorno conhecimento desta culpa, que tendo della hũa grande sciencia: *Sciens*; parece que não acertava (digamolo assi) não acertava, seu amor a fazer desta sciencia grande, nem ainda hũa presunção muito leve, não acertava a presumir aquella mesma culpa, que não podia ignorar, por isso sabemos mui bem o que perguntava, assi o perguntou como se o não soubera: *Sciens processit, & dixit: Quem queritis?* Homens a quem buscais? Quanto aos olhos humanos muito parece que se implica esta pergunta de Christo, cõ a sua sabedoria; mas com seu amor junto a sabedoria não se implica, porque assi como o odio dos Iudeos nas culpas que falsamente impunhaõ a Christo, da sospeita fazia sciencia, assi o amor de Christo nesta culpa dos Iudeos, quiz mostrar, que da sciencia não acertava a fazer sospeita; por isso os Iudeos õ prendem; por isso Christo pergũta: *Quem queritis?* O cegueira do amor! O perspicacia do odio! Em a esfera do odio (quãdo he de culpa o conhecimẽto) ordinariamẽte não ha aquillo que se vè, & na esfera do amor não se ve aquillo que ha.

Bem se vio entãõ, & bẽ se vè hoje no odio dos Iudeos, & no amor de Christo; q̃ esta propriedade s'õ se podia achar em tal amor, & em tal odio: Christo sabendo hoje a culpa que os Iudeos cometiaõ em o arguir de culpa, assi se ha como se nẽ ainda o sospeitara: *Quis ex vobis arguet me de peccato?* E os Iudeos sospeitando s'õ, & falsamente culpas em Christo, assi procedem como se as souberaõ: *Nunc cognovimus quia Samaritanus es tu, &c.* Mas que muito q̃ assi seja, se Christo amava, & elles aborreçiaõ: Bem podera eu seguir largamente esta materia, que muito podia dar de si para a doutrina, mas vamos a outra razaõ mais própria deste lugar. Queixaõ se os Iudeos que Christo não observa as leis, que altera os costumes, que não guarda os sabbados, & não faz Christo caso de nenhuma destas queixas, para ensinar aos principes do mundo com este exemplo, que nẽ de todas as queixas haõ de fazer caso. Christo a fazer milagres, Christo a resuscitar mortos, Christo a curar enfermos, Christo a delvelarse pello ren. odio de Iudea, &

Ioann c. 8.

Iudea

Iudea a queixatse de Christo, & avia o Senhor fazer caso de taes queixas, aviãolhe de dar cuidado taes culpas? Isso não o quiz fazer o Principe, da gloria, para que de (pois o fizessem tambem alli os Principes do mundo; se aos Principes, se aos Monarchas lhe ouverão de dar cuidado todas as queixas, fora o ceptro hũ martirio, fora a coroa hũa morte, por isso para Christo os livrar deste grande tormento, que os esperava, não faz hoje nenhũ caso das culpas de que o arguião, antes como se de nenhũ peccado otiverão arguido: pergunta se ha alguẽ q̃ o argua de peccado? *Quis ex vobis arguet me de peccato?*

Hora a mim não me empatou tanto o não satis fazer Christo às queixas dos grandes de Ierusalem, como o fazerem os grãdes de Ierusalem queixas de Christo. Vinde cá gente ingrata, condiçoẽs perversas, animos obstinados, Christo não se desvella, Christo não vos ensina, Christo não vos remedeia? digãono os prodigios que obra, os enfermos que sara, os mortos que refucita. Pois se isto assi he, de que vos queixais? Dice alguẽ que se queixavão estes homens porque erãõ Fariseos, mas eu digo, que se queixavão estes Fariseos, porque erãõ homens: Hera queixa hũ mal da nossa vontade, he hũ achaque da nossa natureza, cujo remedio he tão difficuloso, ou para dizer melhor, tão impossivel, que sò então deixaremos de nos queixar quando deixarmos de ser homens, & queixos os homens, & descontentes vem a ser tanto a mesma cousa, que o dizer, que he homẽ, quem não anda descontente, o dizer, que he homem quẽ não he queixoso parece hũa implicação, ainda na penna de hũ Evangelista Reparei eu muito quando li o Evangelho de Domingo passado, em que disse o Evangelista S. João, que embarcandose Christo, o seguira hũa grãde multidão, se que explicasse de que era esta multidão, que o seguira. Dizẽ assi as palavras: *Abijt Iesus trans mare Galilea, & sequebatur eum multitudo magna.* Passouisse o Senhor alẽ do mar de Galilea, & logo o comecou a seguir hũa multidão muito grande, *& sequebatur eum multitudo magna.* Notavel modo de dizer por certo! Pergunto. Esta grande multidão, que se-

10411. c. 6.

guia

guia a Christo, não era de homens? si era; pois porque o nam diz assi o Evangelista: Contalhe a acção, & dissimulhalhe o nome *multitudo magna*. Que misterio terá este silencio?

O que tem este silencio hum grande misterio. Hora notem: avia de dizer S. Ioaõ despois, que esta multidam recebendo não ficará queixosa, antes contente: *ut autem impleti sunt*; por isso nam quis dizer de antes que era multidão de homens, por que, aver homens que se nam queixem, aver homens que se satisfação, assi como he hū impossivel para execução, assi parece hūa implicação para o credito. Que haja homens, que por mais que recebão ficão queixosos, isso facilmente se achará no mundo; antes nenhuma cousa se achará tenão isso: mas que haja homens que recebendo ficarão contentes, esse prodigio achase, & crece muito difficulosamente; ainda que seja hum Evangelista o que o escreva, ainda que seja hum S. Ioaõ o que o persuada: Milagre he este de contentar homens que Deos costuma fazer poucas vezes; antes não lemos fizese mais que nesta occasião este milagre. Por isso nam diz S. Ioaõ esta multidam de que era, porque avia de dizer, que lhe contentara.

Se nam redusamos brevemente a exemplos esta verdade. Digão-me a quem fez Deos maiores favores, que aos filhos de Israel sem poder nunca evitar queixas, sem poder contentalos nunca. Aparece o Senhor no monte Horeb abraçado em huma sarça, quando elles pedecião no Egypto; despede dahi embaixadores a Faraõ, obra por elles milagres tão espantosos que atemorizarão ao Rey, & assombrarão o mundo, multiplicando castigos, convertendo o Nilo em sangue, tirãdo a vida aos primogenitos, & finalmente fazendo outros muitos maravilhosos prodigios, tẽ que libertou aquelle povo ingrato com o poder de sua mão omnipotente: despois de livre encaminhao para a terra da promissaõ, dividelhe as agoas do mar vermelho; a huma, & outra parte, para poderem passar a pẽ enxuto; a sifisthe com hūa nuvem fresca no verão para resistirem aos ardores do Sol, com huma columna de fogo no

inverno, para se repararem do rigor do frio, chove-lhe Maná do Ceu, todos os dias, não só para o sustento, senão também para o regalo, & finalmente faz-lhe taes favores, que se eu me quizera por a referilos, gastara nisso todo o tempo: suposto isto: pergunto agora: así; Hojia Deos fazer por estes homêns mais finezas, que as que fez, podião mostrar-se mais favorecidos de Deos, do que se virão? Parece que não: pois com isto ser así, com Deos se mostrar tão cuidadoso, com elles se ve-tem tão favorecidos, não deixaraõ de vir queixosos: *Bene nobis erat in Agypto*; mas vinhão queixosos porque eraõ homêns: pode Deos remediálos, mas contentálos, isso só nam pôde. Em quanto Deos nos nam mudar a natureza, não nos tirará o queixume. Falou alta & acertadamente hum grande luizo, quando diçe, que produzia a terra espinhos, porque era terra, a guerra oppressões, porque era castigo, & a necessidade queixas, por q̄ eram homêns os queixosos; digo que falou acertadamente, porque por mais igualdade que haja, por mais justiça que se execute, sempre nos avemos de queixar, porque nós nam queixemos por taes queixamosos por natureza, & quando he natural o achaque, tem muito difficuloso remedio. Mas com a queixa ser em nos hum mal tam grande, não sei eu se queixeremos nos livrarnos deste tam grande mal: Para o imaginaç assi, tenho rasam, & tenho prova. *Arasam* he, porque se paga cada hum de nós, tanto mais da sua queixa, que do seu remedio, que deixara de aceitar o remedio só por fazer hũa queixa. Vamos à prova. Entrou Christo naquella piscina, cujas agoas movidas por hum Anjo davaõ saude; & achou ali hum paralytico, que por nam ter hũ homem, como elle mesmo confessou, avia muitos annos que padecia. O quanto disto se acha no mundo! ainda que seja hum anjo o que reparta, se vós nam tiveres homem, não aveis de entrar na piscina; mas isto nam he do caso, tornemos a elle. Vio Christo o enfermo, e gois se logo á vista a compaixão & á compaixão o remedio, por q̄ foi com hũa circumstancia porque lhe perguntou primeiro o Señhor se queeria ter saude:

Num. 6. 11

Lucas. 6. 7

Vis sanus fieri? E q̄ lhe responderia o paralitico? deulhe hũa notavel resposta? Senhor e u sou tam deigraciado (lhe respõdeo a Christo o enfermo) Eu sou tam deigraciado, q̄ não tenho homẽ; *Domine hominem non habeo.* Homẽ isto respondes? a q̄ vẽ esta resposta, à quella pergunta? Christo perguntate se queres q̄ te cure, & tu sem lhe aceitar o offercimentõ, começashe a fazer queixas? deixa agora as tuas queixas, & pedelhe a Christo o remedio. Isso fizera o paralitico se nam fora homẽ, mas como era homem este paralitico, pagavase tanto mais de sua queixa, que do seu remedio, que deixava de pedir a Christo o remedio sô por lhe fazer huma queixa: *Hominem non habeo* Christo o offercerlhe a saude, & elle a queixarse a Christo, mas se era homẽ, que avia de fazer se nam queixarse, se nam fizera esta açã de se sentir a natureza. E que nos queixemos nõs nam por aquillo que padecemos, senão por aquillo que fomos! O miseria tanto para sentida! O lastima tanto para chorada! Sabem quanto he isto assi, quanto nos pagamos de ser queixosos, que se pode duvidar se aceitaremos o remedio para a queixa, quando a queixa pode cessar com o remedio. Tornemos brevemente ao paralitico, & por aqui acabarei com esta materia Resolvente Christo a curalo, & fazerlhe primeiro esta pergunta: *Vis sanus fieri?* Homem queres que te cure? Estranha pergunta por certo! & ainda em Christo, que nam fazia nada a caso, mas estranha; Senhor a hũ homem q̄ ha trinta, & oito annos, que está enfermo perguntais se quer ser curado? disso pode se duvidar? Si pode se duvidar muito disso, porque como zquelle paralitico com a saude se podia tirar a justa occasião para a queixa, entendeo Christo q̄ que sô por mostrar se queixoso, nam queria estar saõ, sô por fazer huma queixa nam acertaria mesinha, por isso lhe pergunta se quer saude antes que aplique o remedio. *Vis sanus fieri?* quem podes?

O doença infosfrivel da nossa vontade! O mal grande da nossa natureza! o mal grande por todos os titulos, porque he mal com que estamos bem, he mal que nam tem remediõ, & he mal que nam tem cura. Digo que não tem cura este mal, por q̄

Exod. c. 15

nós só entãõ estaremos contentes, quando se nos der, nam conforme ao nosso merecimento, nem conforme à nossa necessidade, senãõ conforme a nossa cobiça, & para fartar a sede a huma cobiça humana, parece que não basta, nem ainda a grandeza de huma Omnipotencia divina: por isso eu digo, que só entãõ deixaremos de fer queixosos quando deixarmos de fer. Mandava Deos no Exodo, que os filhos de Israel nam colhessem do manã mais que aquillo que bastasse para o sustento daquelle dia: *Colligat quæ sufficiunt per singulos dies.* Pois se o manã chove por milagre para que lhe poem Deos esta taxa? porque lhe não diz que receba cada hum conforme o seu desejo, senãõ conforme a sua necessidade? O que dà nam he hum Deos omnipotente? Pois para que são necessarias na repartiçãõ estas cautelas? Podia se dar caso, que o manã faltasse por mais que os Israelitas colhessem? Si si, parece que se podia dar caso, porque ainda que era hum Deos omnipotente o que dava, eraõ os homens os que recebiaõ, & como quer que os que recebiaõ eram homens, parece (digamolo assi) parece que receou Deos que lhe faltaria o manã se effes homens o colhessem conforme a sua cobiça, & nam conforme a sua necessidade, & nam lhe acode a cobiça: *quæ sufficiunt per singulos dies.* Porq̃ para fartar a cobiça de hũ homem, parece que nam podera bastar nem ainda a omnipotencia de hum Deos. Daqui, daqui nadem as nossas queixas: daqui vem o não aver Rey por mais que seja justificado, que nam tenha vassallos queixosos; Não queremos remediar a necessidade, queremos remediar a cobiça, entãõ como a cobiça humana tem o remedio impossivel, queixamons sem razam culpamos sem fundamento; senãõ vejamolõ em Christo, que por mais igualdades que guardou, por mais beneficios que fez, nam pôde evitar queixas, nam pode fugir a censuras, mas como eraõ censuras sem razãõ, como eraõ queixas sem fundamento, não fez dellas nenhũ caso, & assi como se estus homẽs o não tiverãõ arguido de culpa, lhe pergunta hoje se averãõ algũ dells, q̃ o argua de peccado? *Quis ex vobis arguat me de peccato?*

Depis que Christo fez aos Iudeos esta pergunta, começou logo a persuadir-lhes sua doutrina. *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Se eu vos digo as verdades (prosegue o Senhor) porque nam credes em mim. Em grande materia entramos: duas cousas intentou Christo nesta occasiõ, justificar a sua innocencia, & provar sua divindade. Eu nam posso reparar agora em tudo, que nam quizera parecer com pride, na prova da divindade sòmente reparo, & digo desta maneira. Quer Christo provar sua divindade aos grandes de Judea; & toma por meio o dizer-lhe verdades? *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Isto que argumento he? Nam resuscitou o Senhor ontem a Lazaro morto de quatro dias? Si por certo. Pois se lhe quer mostrar sua divindade a estes homens, porque lhe nam diz que o conheaõ por Deos porque resuscita mortos, senaõ que o tenhaõ por Deos, porque lhe diz verdades? Sabem porque? porque Christo nesta occasiõ tratou de provar sua divindade com o maior prodigio, & o prodigio maior de Christo, parece que nam estava tanto em resuscitar os mortos, que resuscitou, como em dizer as verdades a quem as dizia; fallava Christo com Principes, fallava com grandes (que prégava o Senhor na Corte) pois para provar que Deos nam diga que tem tal poder, que restitue vidas, senaõ que tem tal valor, que diz verdades, porque a Reis, a grandes, a poderosos he maior prodigio dizer huma verdade, que restituir hũa vida. Grande lugar se me não engano. Manda Christo a teus Discipulos a prégat por este mundo, & fallalhe desta maneira: *Infirmos curate, mortuos suscite.* A estas palavras acrescenta logo outras que são compridas mas notaveis. *Ad praefides* (acrecenta o Senhor) *& ad Reges ducemini propter me, cum autem tradent vos nolite cogitare quomodo, aut quia loquimini, dabitur enim vobis in illa hora quid loquamini, non enim vos estis qui loquimini, sed Spiritus Patris vestri.* Hũas, & outras palavras vem a fazer este sentido: Discipulos meus ide por este mundo curar enfermos, resuscitai mortos, porem adverti que quando vos vires diante de Reis quando pregares dian-

MAT. C. 10.

re de Principes nam cuideis no que lhe aveis de dizer, por quanto nesta occasiã Deos he o que ha de fallar. *Non enim vos estis qui loquimini, &c.*

Pois valhame Deos! fia Christo de seus Discipulos a resurreiçã dos mortos, a saude dos enfermos, & o fallar diante dos Reis nam o fia de seus Discipulos? Pergunto: qual he mais dar vida aos mortos, ou fallar aos Reis? A esta pergunta respondendo com distincãõ: mais he resuscitar mortos, que fallar a Reis: mais dizer aos Reis as verdades, que neste sentido fallava Christo, he mais que dar vida a mortos; dizer a hum Rei hũa verdade he maior prodigio que dar a hum morto huma vida. Por isso para o dar assi a entender ao mundo, fiando Christo de seus Discipulos o milagre da resurreiçã õ: *Mortuos suscite*: Mostrou que nam fiava delles este milagre: *Nolite cogitare quomodo, aut quid loquamini*. Aviaõ os Discipulos de Christo, (que a isso os mandava o Senhor) de persuadir aos Reis do mundo seus erros, tiralos de sua idolatria; emmendalos da torpessa de suas culpas; mostralhe a cegueira de seu engano, prègarlhe seu Evãgelho, reduzilos a sua Igreja, & finalmẽte aviaõlhe de dizer as verdades; pois este prodigio nam o fie Christo de homens, porque homens nam pòdem fazer tal prodigio: *Nolite cogitare quomodo, aut quid loquamini*. Resuscitai muito embora mortos, que esse milagre bem o poderà fazer quem he homem, mas eu direi aos Reis as verdades: *non enim vos estis qui loquimini*; porque essa maravilha só quem he Deos a pòderà fazer. Assi se ouve Christo com seus Discipulos quando os mandou a prègar pello mundo, & assi se tinha já tambem avido Deos com Moyfes quando o mandou à Corte de Faraõ: *Perge igitur* (lhe diz o Senhor dentre os incendios da sarça) *perge igitur ego ero in ore tuo*; O là Moyfes ide muito embora ao Egypto, & bem podeis hir com toda a confiança, porque quando fallares ao Rey, meu ha de ser o arrefoado; *Ego ero in ore tuo*. Eu sou o que hei de dizer, eu sou o que hei de fallar, de sorte, que no Egypto Moyfes ha de executar as maravilhas, & Deos ha de dizer as verdades.

Exod. c. 4.

Si, que como se aviaõ de dizer a Farã, que era Rey, isto de dizer verdades a Reis he milagre, que quem for homem (como era Moyfes) nam poderã fazer, sò quem for Deos o pode executar, por isso Deos he semente o que falla, quando he Moyfes o que obra: *Ego ero in ore tuo.*

O que bem apertou Christo hoje este argumento: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Se eu vos fallo verdades, porque nam credes que sou Deos. Pois Senhor, sò por isso haõ de crer estes homens que sois Deos, porque fallais as verdades? Si, que sendo elles Principes, sendo elles grandes como saõ, sò quem for Deos lhe pode dizer as verdades, que lhe digo: quer Christo provarlhe sua divindade, & argumentalhe com o mayor prodigio, & o maior prodigio de Christo nam estava em restituir vida a mortos, senam em dizer verdades a Principes. Eu nam digo, nẽ me vẽ a imaginaçãõ dizer tal, que nam se dizem muitas verdades aos Principes, sò digo, que fazendo Deos a verdade para o objecto do entendimento, & nam da vontade, aos Reis, que se lhe dizem as verdades a vontade, & nam se lhe dizem ao entendimento: Expliquemos nos melhor, nam se lhe dizem as verdades inteiras dizemselhe as verdades partidas, por isso os Reis se perdem, por isso as Monarchias se acabaõ; verdades que lisongeão deffas tem os Principes muitos Evangelistas, porem de verdades que custaõ, he impossivel que hum sò Evangelista se atache: Mas que digo eu verdades: Em materias que pòde offender o gosto do Principe, nam sò nam ha quem lhe diga as verdades, mas nem ainda ha quem lhe acerte a dizer as mentiras, quando ao Principe lhe era conveniente saber das mentiras, & das verdades, das verdades para emmenda, & das mentiras para a cautella: Nam ha Principe no mundo por mais inteiro que seja, que o nam arguaõ de faltas, porque he homem, & porque governa homens, porem nem todas as faltas do Principe saõ verdadeiras, nem todas saõ mentirosas, se todas foraõ mentirosas, fora o Principe hum Deos, & se todas foraõ verdadeiras, nam foraõ homens os vassallos: fora o Principe

Senec.
Epist. 4.^{ad}
Luc.

hum Deos, se todas as suas culpas forão mentirosos, porque sò Deos he impecavel por natureza & nam forão os vassallos homens se todas forão verdadeiras, porque os homens dizem mal por inclinaçãõ: Diceõ Seneca dileratamente. *Male loquuntur de te homines, bene enim loqui nesciunt: non faciunt quod mereris, sed quod solent.* Dizem os homens de vos mal, porque nam sabem dizer bem, não fazem o que vòs lhe mereceis, senam o que elles costumão,

Mat. c. 16.

E assí como os vassallos sam homens, & os Principes nam sam Deotes, he força que haja faltas, & que nellas haja mentiras, & haja verdades, porem tambem he força, que o Principe nam saiba nem das mentiras: podem ellas, ainda que sejaõ mentiras offenderlhe o gosto? Pois ha felhe de ter hũ grande segredo. Là perguntou Christo hum hora a seus Discipulos, pello que dizião os homens de seus procedimentos. *Quem dicunt homines esse filium hominis?* E como eraõ varios os pareceres, forão tambem differentes as respostas: porque huns responderão, que se dizia que Christo era o Precursor, outros que se affirmava ser Elias, & finalmente tinhaõ outros por opiniãõ, que o Senhor era hum dos Profetas: *Alij Ioannem Baptistam, alij autem Eliam, alij Hyeremiam, aut unum ex Prophetis.* Deixando a resposta de S. Pedro, que agora me não serve, reparei muito, em que dizendose mais de Christo, & sabendo muito bem seus Discipulos o mais que se dizia do Senhor nam lho quizerão dizer: digo que se dizia mais de Christo porque tambem se dizia (ainda que falsamente) que o Senhor não guardava aos sabbados, q̄ quebrava as leis, q̄ era feiticeiro, & que era endemoninhado. Pois se Christo pergunta a seus Discipulos, que opiniaõ tem os homens de sua vida? Porque nam dizem elles a seu Mestre tudo o que de sua vida dizião os homens? Porque lhe nam dizem tambẽ que lhe chamam feiticeiro, que lhe chamaõ endemoninhado, que o arguem de quebrar as leis, & de nam guardar os sabbados? Isto tudo nam eraõ mentiras? pois porq̄ as não dizem ao Senhor? Querem ouvir porque? porque ainda que estas culpas de que

que arguiaõ a Christo erão mentiras, entenderão os Discipulos que lhe poderiaõ offender o gosto, por isso lhe tiveram tam grande segredo. Que Christo he hũ Percursor, que Christo he hum Elias, que he finalmente hum Profeta, isso como o nam podia offender logo lho dizem, porem que Christo he feiticeiro, que he Samaritano, que he endemoninhado, essas mentiras como o podiaõ molestar, nam lhas quizeram dizer. O como estaõ cheas as cortes do mundo destes Evangelistas! Verdades ou mentiras, que pôdem litongear ao Principe todos as dizem, mas mentiras, ou verdades, que o pôdẽ offender, todos as calam. Fazendo Deos a verdade para se dizeriaq entendimento, de o interesse humano em a dizer à vontade por isso avendo tantos, que arguaõ de faltas aos Principes, nam ha hum que lhe queira advertir huma falta. Mas que bem estava Saul, nesta humana ou deshumana politica, quando fez a Deos esta petição; *Si in me est iniquitas hac, da ostensionem, si in populo tuo da sanctitatem.* Senhor, diz o Rey fallando com Deos, se o vosso povo està culpado santificaio, & se eu vos tenho offendido dizcimo: Para saber hũa falta sua pergütou Saul a Deos, porq̃ isto de dizer a falta ao Rey, nam o sabe fazer nenhum homem: O Principe para lhe dizerem as suas faltas hà de recorrer ao Ceo, porque se nam faz este milagre na terra: *Si in me est iniquitas hac, da ostensionem.*

I. Reg. 6.

14

Podeo essa verdade desgostar; pois quem lha ha de dizer: tanto respeito tem os que andaõ ao lado dos Principes a seu gosto, porque tem a sua conveniencia grande respeito, daqui vem o nam aver Principe que tenha hum sò vassallo verdadeiro, tendo muitos vassallos fieis: Nam se repare no modo de dizer, porque eu faço grande differença de vassallos fieis a vassallos verdadeiros: Vassallo fiel he aquelle que tem ao Rei afeição; Vassallo verdadeiro he aquelle que lhe diz as verdades, destes não ha hũ, daquelles averã muitos. Mas nesta materia não he sò este o maior mal que ordinariamente se acha no mundo: a mais se estende, muito avanté passa; porque não sò se nam contentaõ os homens com callar, senão com adul-

ter as verdades: Aquillo que se notou como falta, dizem ordinariamente aos Principes, que se canonizou por acerto, & por lhe evitarem hum sentimento os querem tratar com engano. O quanto disto padecem os Monarchas, os soberanos do mundo! Sendo mais duro de sofrer a quem sabe bem sentir hum engano, que huma morte; quantos se deixaõ viver enganados, por nam viverem sentidos.

Esta pençam, ou para dizer melhor esta azar anda avinculada à grandeza: nam ha septró a que não siga a lisonja, nam ha soberania, sobre que nam domine o engano, com taõ venturosa desgraça, que ordinariamente alcança a materia, o que poderá ser não alcançará a verdade, por isso nas cortes do mundo he cousa taõ ordinaria o ver-se o vicio triunfante, & a virtude queixosa por isso ha tanta multidam de enganados, & ainda maior de enganosos. Venturosa Monarchia (& sem tirarmos os olhos de Portugal podemos ver este exemplo) venturosa Monarchia, cujos Principes fazem tanta estimaçam das verdades, ou custem ou lisonjem, que o meio mais efficaz para a valia, he o dizer-lhas, & para o desagrado o encobri-las: cujos vassallos, aquelles a quem isto pertença, ássi amaõ aos seus Principes, que nam se contentaõ sò com lhe serem fieis, senão tambem com lhe serem verdadeiros. Em os outros Reynos do mundo nam serã validos os Evangelistas, mas para os Reis de Portugal sò os Evangelistas foraõ, & saõ os validos. que justo he que hum Reyno que rã parecido ao de Christo nas armas que tem, o seja tambem neste privilegio que goza. E para dar na razão da differença nam me custou muito cuidado: os Principes de Portugal sempre tiverã mais de Pais, do que tiverã de Reis, & dizer verdades a hum pay que he Rey, isso facilmente o faza hum filho, mas dizer verdades a hum Rey que nam he pay, esse prodigio não o pòde fazer hũ homem: por isso Christo quando hoje mostrou aos Principes de Judea, que era Deos, nam lhe disse que resuscitava mortos, senão que lhe dizia as verdades, porque sò sendo Christo Deos como era, lhe pudera dizer as verdades que lhe di-

zia: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?*

Nam posso deixar sem reparo estas ultimas palavras do thema: *Quare non creditis mihi?* se eu vos fallo as verdades, porq̃ nam credes em mim? Isto em Christo foy huma pergunta, em mim he huma admiraçãw. Se Christo a estes homens lhe dizia as verdades, como não crem estes homens em Christo? Sabem porque, diz S. Ioaõ Chrysostomo, porque nam criaõ os Iudeos, antes sentiaõ tanto o que Christo lhe ensinava? porque Christo nam lhe ensinava o que elles sentiam, & os homens nas materias que nam saõ de seu gosto, nam sò nam querem que o que se lhe dis seja verdade, mas nem ainda sofrem que seja opiniaõ: *Rei displicentis etiam opinio reprobat.* Dice altamente Tertuliano. & se isto assi he como aviaõ os Iudeos de crer a Christo as suas verdades, se o Senhor os reprehendia de suas torpezas.

Chris, hic

Tertul.

Tudo isto està muito bem dito, basta dizelo hum tão grande Doutor, & tão grande S. como Chrysostomo, mas eu cõ sua licença tenho aqui huma grande instãcia: Pergunto, Christo em confirmaçãõ de suas verdades nam fazia tão prodigiosas maravilhas? pois porque se nam confundem estes homens, porque nam desistem de sua obstinaçãõ, porque não daõ credito a verdades confirmadas com tantos prodigio? Hora eu resolvime, & cuido que bem, que os Iudeos nunca crearaõ as verdades de Christo, porque nunca viraõ os seus milagres, & para tomar esta resoluçãõ, fundeime não menos que em huma authoridade de Christo, na razõ, na experiencia, & na Escrip-tura: tudo mostro em duas palavras; vamos primeiro á razõ. Eu vim ao mundo, disse Christo: (& he esta a authoridade que prometi) eu vim ao mundo para dar olhos a quem nam tinha vista, & para tirar a vista a quem tinha olhos; *Ego veni in mundum, ut qui non vident, viderent, & qui vident cæci fiant.* Dificultosa proposiçãõ! Christo tirou a vista à alguem no mundo? Não se apontará hum sò exemplo: como se haõ de entender logo estas palavras? mui facil soluçãõ tem: Com a vinda de Christo ao mundo tiveram vista os cegos, & cegaraõ os

Ioann. c. vi

envejosos, tiverão vista os cegos porque lha restituio Christo; com milagres cegaraõ os envejosos, porque nam viraõ os milagres de Christo: Esta he a razão, & a auctoridade, vamos á experiencia, & á Escritura. Acabou Christo de lançar prodigiosamente o demonio fóra de hum homem, que avia muito tempo que estava senhor de suas potencias, à vista de muitos Judeos, & estes mesmos lhe pediraõ logo que fizesse o Senhor hum prodigio, porque o queraõ ver com seus olhos.

Mat. c. 12

Volumus à te signum videre. Pois homens, não acabou Christo agora de fazer hum milagre, para que lhe pedis outro? Pedem outro porque não viraõ este; eraõ inimigos, & eraõ envejosos, nam viaõ milagres.

Mat. c. 12

O como foi este mal dos Judeos contagioso no mundo? Quantos olhos ha, que sem serem cegos, não saõ olhos! Depois que a nossa malicia deu em trocar a jurisdicam ás potencias: para o objecto da vista importou pouco o ser que tinhaõ as cousas: Eu me explico. Deos deunos a vista para que quizesse a vontade aquelle bẽ que vissem os olhos, & a nossa malicia fez com que não vissem os olhos, senão aquelle bem ou aquelle mal que quis a vontade: Nam vemos para nos contentar, contentamonos para ver, avendo o conhecimento de preceder à vontade que assi o ensina a Philosophia. *Nihil volitum, quin præcognitum.* He em nõs primeiro a vontade, & entaõ despois o conhecimento, & desta desordem grande, nasce aquella abominavel consequencia, que nunca os nossos olhos vem as cousas como ellas sam, senam como queremos que sejaõ, por isso os Judeos nam viaõ os milagres de Christo porq̃ nam queraõ que em Christo ouvesse milagres. Offenderaõte muito os Judeos de que aquelle paralitico que curou Christo em o Sabbado (crime entre elles abominavel) viesse com o leito às costas, & reprehendendoo desta culpa respondeo o homem que aquelle Senhor que lhe dera saúde, lhe mandara levar o leito: *Qui me sanum fecit dixit mihi. Tolle grabatuum tuum; & ambula. Interrogaverunt ergo eum: (acreceta o Evangelista) Quis est ille homo, qui dixit tibi: Tolle*

Prolog.

Joan. c. 5

gratiam.

grabatum tuum, & ambula? Duas cousas disse aqui aos Iudeos o paralitico, & elles perguntarãolhe sò por huã: Dichelhe, que Christo lhe dera suade, *qui me sanum fecit;* & q̃ lhe mandara levar o leito: *dixit mihi: Tolle grabatum tuum, & ambula,* & elles perguntaraõlhe sò por quem lhe mandara levar o leito, & nam por quem lhe dera saude; Pois se ali avia duas cousas, hum preceito de Christo executado, & huma saude pello mesmo Senhor restituída, porque nam pergunta aos Iudeos por quem lhe deu a saude, senão por quem lhe pos o preceito.

Hora eu persuadome fundado na doutrina de Hugo Carente neste lugar: que estes homens por huma só cousa perguntaraõ, porque huma só cousa virão; E isto porque? (ainda não fechamos o pensamento) porque nam virão o paralitico, com a saude restituída, sò o viraõ com o leito às costas? Direi o que sinto: Dar Christo saude ao paralitico era milagre, mandarlhe em o sabbado levar o leito na opiniaõ dos Iudeos, era huma culpa de Christo, & como elles queriaõ a Christo sò culpado, nam milagroso, por isso nam vem a Christo como milagroso, vemno sò como culpado: se o odio dos Iudeos lhe nam trocara a disposiçaõ da natureza, queria a vontade aquillo que vissem os olhos, mas como o seu odio lhe descompos as potencias, nam viaõ os olhos senão o que queria a vontade, por isso nam vem em Christo milagres, senão culpas, porque queriaõ que Christo tivesse culpas, nam queriaõ que obrasse milagres, & como sò as culpas vem, sò pelas culpas perguntaõ: *Vbi est qui dixit tibi, &c.* Culpas digo na sua opiniaõ, que em Christo nunca ouve, nem podia aver sombras de culpa. Esta he logo a razão porque confirmando Christo o que dizia aos Iudeos com tantos prodigios, nam criaõ as suas verdades, com escandalo do mundo, & com queixa do mesmo Christo. *Quare non creditis mihi.*

Antes estiveraõ tam longe de crer ao Senhor, que o quizeraõ apedrejar. Grande, & lastimosa materia se me offerencia aqui para discorrer, mas tenho acabado o Sermon, sò em hu-

Hugo Car-
ent. hic.

Mald. in
hoc c. 8.
Ioann. n.
14. E.

ma cousa reparo, & com ella concluo. Em premio de Christo dizer aos Iudeos as verdades, lhe quizerão elles tirar com pedras, fugiolt he o Senhor, & nam de qualquer sorte, se não fazendo hum milagre, porque diz o doutissimo Maldonado, que se fizeraavel: Mas como assi: Christo nam sabe muito bem, que está seguro de morrer? mui bem o sabe. De que foge logo o Senhor: E nam de qualquer sorte, tenão fazendo hum milagre? O que alto documento deu Christo aos Principes do mundo nesta occasião! Quando Christo está seguro então faz milagres para se segurar, que os Principes fação milagres para se segurar quando estiverem seguros, ja eu disse algum hora discorrendo mais largamente sobre esta materia que nam nos avia de fazer descuidados, ver-nos seguros, antes que quanto fosse maior a segurança, tanto avia de ser maior a cautela, porque para quem politicamente discorre, mais he para temida huma segurança, que para receado hum perigo, está evidente a razão; porque o perigo faz temerosos, & a segurança faz confiados, & em nenhuma cousa está mais certa a ruína, que na confiança, assi como em nenhuma cousa está mais difficiloso o perigo, que no receio. E daqui vem que melhor he muitas vezes para vencer huma fraqueza de confiados, que hum valor presumido, porque a desconfiança, a cautela, & a presunção n facilita; a desconfiança faz valente a maior fraqueza, a presunção faz fraca a maior valentia. Não ha duvida que em respeito do Gigante Goliath, que era David mui inferior nas forças, & nas armas, porem com isto ser assi, deu o Pastor galhardo por terra com aquella maquina disforme, com aquella soberba arrogante, porque David em o combate entrou desconfiado, & o Gigante entrou presumido. *Despexit eum in corde suo.* E mais effeito parece que faz huma pedra tirada com desconfiança, que huma bala tirada com presunção, porque a desconfiança dà brios á maior fraqueza, & a presunção tira alento à maior valentia. O parto admiravel de huma confiança necia? quantas monarchias tẽs arruinado, quãtos exercitos tens destruido.

Nam

Nam nos avemos de descuidar logo, por nos imaginarmos seguros, antes quando nos vimos mais seguros, então avemos de viver mais desconfiados, entam avemos de andar mais cuidadosos: Avemos de temer as seguranças ainda mais que os perigos. David antes de Rey nos deu o primeiro exemplo, & depois de Rey nos dará a confirmaçam.

El Rey David quando celebrou pazes com Saul, então diz a sagrada Escriptura que buscou para viver os mais seguros lugares: *David, & viri ejus ascenderunt ad tutiora loca.* Pois agora que tem com o Rey celebrado pazes, trata David de se segurar mais, que quando tinha com elle tam viva guerra? Si, porque agora ve se David seguro, na guerra via se David perigoso, & como era discreto, & experimētado David, mais temia a segurança, do que receava o perigo: muito se segurou quando se vio arriscado, mas mais se quis segurar quando se vio seguro: Assi o fez entam David, & assi o fez hoje Christo, seguro estava o Senhor de morrer, mais por isso mesmo, porque estava seguro de morrer faz milagtes para se segurar.

A todos os Reynos do mundo he muito importante este aviso, mas ao nosso Portugal mais importãte, segura está a Monarchia Portugueza de passar outra vez ao dominio estranho, porque alem de o dizerem assi as Profecias, nisso tem Deos empenhado sua divina palavra, & o patrocínio de sua mão poderosa; porem he necessario advertir, que o esta: mos tam seguros nos nam ha de fazer descuidados, antes entam, quando nos vimos seguros, como fez Christo, avemos de fazer milagres para segurar a nossa segurança, avemos de obrar prodigios para eternizar nossa conservaçam.

Assi se faz, & assi espero em Deos que se ha de fazer cada dia com maior cuidado, quando na experiencia de tam acertados arbitrios virem os que vem, & julgam de fora, que temos Rey, que sabe ouvir as verdades, que sabe escolher com prudencia, & que sabe obrar com acerto. Mas sobre tudo isto,

para

para que chegemos a lograr a posse de tã bem logradas esperanças, & vejamos a execução de tã grandiosas promelas, he necessario o vivermos muito unidos com Deos, mui conformes com sua vontade, mui ajustados a seus preceitos, & mui agradecidos a seus beneficios, para que vendo elle em nòs este agradecimento possa continuar seus favores, conservando o nosso Reyno, prosperando as nossas armas, restituindo as nossas conquistas, & finalmente que he o bem de maior importancia, dandonos nesta vida muita graça, que he certo penhor da gloria. *Ad quam nos perducatur Pater, & Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.*

LAVS DEO.

